

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

Miquéias Paz
(PC do B)



A obra de Nelson Rodrigues vem sendo revisitada nos últimos anos. Diversos textos seus têm sido levados ao palco, ao cinema e à televisão, recentemente. As relações entre Nelson e o cinema, bem como seus resultados estéticos, no entanto, solicitam revisão. Com o objetivo de contribuir para a releitura atenta e crítica dos filmes que se fizeram a partir de seus escritos, organizamos a semana Nelson Rodrigues e o Cinema (em vídeo), que se realizou a partir de 27 de setembro, no auditório do Instituto Goethe (902 Sul).

Rodrigo Roltenberg
(PSB)



Nem bem encerramos o Seminário Internacional de Dança, fomos brindados pela quarta edição do Fórum Brasília de Artes Visuais. Dois eventos em que a cidade se abriu para novas experiências no campo da dança e das artes visuais, reforçando o aprendizado de nossos artistas e estudantes.

Brasília tem vocação metropolitana, cosmopolita, arejada pelas manifestações trazidas até nosso cotidiano pelas embaixadas. De concerto clássico a balé folclórico, da cerâmica popular às exposições eruditas, o público do DF vem tendo acesso a espetáculos que nos promovem no cenário nacional. Vamos em frente, Brasília.



Cappi, com dedicação e sensibilidade, criou em oito anos a banda do "Amor"

T A G U A T I N G A

Banda de Surdos precisa de apoio

"Som do Silêncio", livro que conta a criação da banda, está sem patrocínio para ser publicado. Com novo maestro, a fanfarra homenageia seu criador e passa a chamar-se "Sérgio Cappi".

■ J. Simões

Luiz Sérgio Cappi era um paulista de Vera Cruz. A 6 de novembro de 1950, nasceu aquele garotão louro, gordo, bonito.

Muito cedo se apegou ao seu pai, que era maestro da "Banda da Camexa". E o menino logo aprendeu a tocar alguns instrumentos, aprendeu a reger. Já aos oito anos, tocava na banda.

Esse seu apego à música, às fanfarras, o levou logo a integrar a banda escolar e a banda de escoteiros, das quais rapidamente se tornou maestro. Ao longo da sua infância, adolescência e juventude, nas cidades de Vera Cruz, Marília, Ocaúçu e Garças, ele foi formando fanfarras, participando de concursos, competições, criando currículo e fama.

Em 1979, após concluir o curso de Educação Física, ele veio para Brasília, trabalhar no então Centro Interescolar 03 de Taguatinga, atualmente Centro Educacional 05. Essa escola é próxima ao Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga.

Nos primeiros ensaios, com a fanfarra da escola regular, o Cappi percebeu um grupo de meninos surdos em cima do muro e do alambrado que separavam as duas escolas. A cada dia aquele número de alunos surdos aumentava, para assistir os ensaios da fanfarra. E aqueles meninos e meninas passaram a imitar os movimentos, as expressões, tudo que os alunos da fanfarra faziam.

Uma coisa estranha, num desses momentos iluminados, tocou o professor Cappi, e ele convidou alguns deficientes auditivos, para integrar a fanfarra. E eles não se fizeram de rogados. Na maior empolgação foram tomando parte, ensaiando, ganhando espaço.

Esse início foi difícil, pois o Cappi não entendia nada da "linguagem de sinais", nem os surdos entendiam o que ele falava. Foi um festival de risos, de cenas, engraçadíssimas!

A luta foi árdua, até que a diretora do Centro de Ensino Especial, com a anuência da diretora do Complexo Escolar "A" de Taguatinga, resolveu fazer uma experiência. Permitiu que o Cappi iniciasse a formação de uma fanfarra, utilizando os instrumentos do Centro Interescolar 03. Foi dado a ele um prazo de alguns meses, de setembro a dezembro, para que ele apresentasse algum progresso que justificasse a continuidade do projeto.

Em meio a tantas dificuldades, a tantas barreiras, ele foi se angustiando, sofrendo. Nisso foi criando sua própria linguagem com os surdos. Nos diálogos que se faziam possí-

veis entre ele e seus alunos, foram surgindo expressões próprias, exclusivas, e enfim foram conseguindo se comunicar, se entender. Aí foi a vez de descobrir a maneira de cativar, de criar ou despertar neles o sentido de organização, de coordenação motora; do ritmo... E nada de se descobrir um método próprio e eficiente.

Já mecio desesperado, pois não estava conseguindo atingir o seu grande objetivo, que agora era questão de honra, projeto de vida, no final daquele ano ele, que era fervoroso devoto de Nossa Senhora, estava lendo um livro sobre a vida dela. Primeiro havia tentado tocar violão, mas sem conseguir, deitou-se. Deixou o instrumento no chão, ao lado da cama, e ficou lendo o livro. Dormiu com o livro na mão. O livro caiu sobre o violão, assustando-o com o barulho. Ele saltou da cama, pegou o violão... Sentiu as vibrações. Despertou-se daquele desvario, e pôs-se a repetir a experiência, até certificar-se de que uma vez tocados, os instrumentos vibram. Foi o passo inicial para se criar o "método vibratório". E ele, devoto que era, passou a considerar a descoberta do "método" um "milagre" de Nossa Senhora.

Aí, eliminada a dificuldade maior, a quase impossibilidade, foi a vez de iniciar o trabalho, criando-se toda uma linguagem metódica, códigos, símbolos... Tudo na hora, na base da intuição, da percepção, da sensibilidade.

Seu método foi sendo criado a partir de atividades elementares, como bater palmas, sapatear, olhar um no olho do outro... E a vida escolar, social e familiar dos alunos foi melhorando. A própria escola em muito se beneficiou da atuação do Cappi para solucionar problemas os mais diversos. Ele se fez líder, respeitado e admirado por todos.

A partir daí, ele se tornou pai, professor, assistente social, médico, psicólogo, padre... Não teve limites, dia nem hora! Foi conseguindo, aos poucos, transmitir a eles, como tocar os instrumentos de percussão: bumbo, caixa-clara, surdo. Isso tudo aliado às lições de vida. Depois vieram a escaleta, a lira cromática, os pratos... As primeiras notas que conseguiram tocar foram do "Parabéns a Você". Um ano após, em novembro, eles já conseguiram se apresentar no auditório da própria escola, tocando razoavelmente bem as músicas "Parabéns a Você", "Oração Feliz", "Mulher Rendeira" e "Asa Branca".

A banda foi ficando famosa, ganhando espaço na imprensa, com vários jornais fazendo reportagens, entrevistas... Um ano, dois, três... A banda já tocava quarenta músicas, tinha aproximadamente quarenta músicos, todos oriundos do ensino especial.

Oito anos após, e depois de terem se apresentado em vários eventos do DF, inclusive para o governador, para ministros e outras autoridades, sempre provocando enxurradas de lágrimas, a banda passa a se apresentar em outros estados, a participar de festivais de música... Mas, oito anos após iniciados os ensaios, e só então, a banda conseguiu tocar o *Hino Nacional Brasileiro!*

Ensaio infundáveis, ao longo de meses, anos. Dificuldades de toda ordem, mas a fé,

a dedicação, a força de vontade faziam com que a banda continuasse a evoluir.

Às vezes, perguntado qual era o seu método, seu segredo para conseguir tanto sucesso, tanta obediência, dedicação e sintonia com os surdos, ele respondia ingênua e humildemente:

- "Eu não faço nada, só dou amor".

Os grandes sonhos do Cappi eram: tocar para o Presidente do Brasil, no Palácio do Planalto, e tocar para o Papa.

Mas, não faltaram glórias! Ganhou vários prêmios, inclusive o 2º lugar no Mérito Educacional, da FEDF. Aplausos não faltaram! Mais de 800 (oitocentas) apresentações! O Papa chorou! Isso mesmo! O Papa, ao ouvi-la, chorou!

Em 1993, finalmente, o Cappi conseguiu, junto ao Banco do Brasil, o patrocínio para adquirir novos instrumentos e uniformes.

E o Cappi, num caminhão da FEDF, com apenas um motorista, e o aluno Francisco Evilásio, foram buscar os instrumentos, em São Paulo. Chegando aqui, na madrugada do dia 2 de maio de 1994, o Cappi descarregou o caminhão, guardou instrumentos, passou o dia naquele "corre-corre" que lhe era característico. Estava realizado, radiante! Finalmente havia conseguido o seu grande sonho: ter a sua banda equipada e elegantemente uniformizada.

Na madrugada do dia 3, após ir ao mercado com a esposa e a filhinha, ele emocionado como estava, sensível como era, teve um ataque cardíaco fulminante. Era o fim de uma utopia.

Ainda em vida, o Cappi havia me convidado para escrever um livro, que se chamaria "O Som do Silêncio", onde seria contada toda a história da banda, em tom poético, lírico. Após a morte dele, sem escrever o livro, tomei essa tarefa como questão de honra, e, já no final de 1994, o livro estava pronto, inclusive com patrocínio de edição prometido pela Fundação Banco do Brasil. E é uma história emocionante e apaixonante! O livro está pronto, inédito. É que vieram problemas no Banco do Brasil e o patrocínio foi cortado. Espero que, algum dia, possa aparecer alguma entidade ou empresa que o patrocine, para que se possa enfim ser resgatada, valorizada a imagem desse lutador abnegado, desse homem altruísta, que conseguiu, além de ser um modelo de vida e de profissional, um espelho de amor, gerar um fato inédito no mundo: criar a única banda de surdos que se tem notícia.

Hoje a *Banda de Surdo Sérgio Cappi*, nome atual (póstumo), que o seu primeiro nome era "Banda de Amor", tem outro maestro, reiniciando todo um trabalho, percorrendo as mesmas "pedreiras". O Cappi, a esta altura, já deve ter formado uma outra banda, lá com os anjos surdos, lá no Céu. Sem dúvida ele deve estar olhando cá para baixo e se indagando:

- Será que, como disse John Lennon, o sonho acabou?

■ J. Simões, poeta e escritor



Renato Rainha (PL)

Dez anos sem Cora Coralina. Cora foi e sempre será um exemplo de que acreditar é preciso. Poeta de nascimento e musa de todos os menestres, só conseguiu publicar o seu primeiro livro depois dos 60 anos de idade. Resistência, amor, busca, paciência, mas sem nunca abandonar o ofício da esperança de conseguir a divulgação de seu trabalho. Quantas Coras existem por aí? Pessoas em busca de uma primeira chance, de uma primeira oportunidade. Não devemos deixar que talentos de primeira grandeza se percam por falta de oportunidades. Esse é mais um exemplo de que cultura tem de ser tratada por todos como prioridade número um.



Luiz Estevão (PMDB)

Criado há três anos, será entregue no próximo mês de dezembro o maior prêmio de estímulo aos artistas e criadores do Distrito Federal, oferecendo R\$ 25 mil em dez diferentes categorias. O III Prêmio Luiz Estevão de Cultura, uma iniciativa da Fundação Comunidade, presidida pelo deputado distrital do PMDB, escolhe os artistas que mais se destacaram em literatura (prosa e poesia), música clássica e popular, pintura e escultura, cinema e vídeo, teatro e dança. A festa de entrega dos prêmios, que já se tornou atração no calendário cultural da cidade, ocorre sempre na Sala Villa-Lobos.



Peniel
Pacheco
(sem
partido)

O episódio da venda do Cine Atlântida e da proibição do funcionamento de uma igreja no local demonstrou o despreparo das autoridades do setor cultural de nossa capital. Ignorar que a religião é manifestação cultural de qualquer sociedade é desconhecer a importância que a atividade religiosa tem e teve nas diferentes civilizações, onde aparece sempre como fator de identidade e unidade do povo. Desconhecer ou minimizar a função da igreja demonstra no mínimo inabilidade dos responsáveis, caso contrário é mesmo um caso explícito de preconceito e discriminação.



César
Lacerda
(PTB)

Há dez anos convivemos com a ausência da nossa maior poetisa Cora Coralina. Entretanto, as palavras e rimas projetadas em seus poemas ecoam vivamente em nossos espíritos, aprendizes de sua sabedoria e humildade. Através da simplicidade do jeito goiano de ser, Cora Coralina apresentou ao mundo os seus sentimentos poéticos, e com eles as ruas, ladeiras e casarios de Goiás Velho, sua terra natal, cuja a beleza faz-se registro na história, a exemplo da poesia de Cora Coralina que pulsa amor em nossos corações.

Concursos Literários

A Ordem Internacional das Ciências, das Artes, das Letras e da Cultura está promovendo o concurso Literário de Poesia Nacional e Internacional JK. Coordenado pelo professor Guilherme Jorge da Silva, o concurso conta com a participação de poetas nacionais e internacionais com residência no Brasil.

Cada candidato concorrerá com até dois poemas, limitando o conjunto máximo de 25 linhas, datilografadas em duas vias. Para maiores informações sobre o concurso, ligar para o telefone (061) 591-1067 ou fax (091) 387-1245.



A Secretaria da Cultura e Comunicação Social do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, está promovendo o "Prêmio Cruz e Souza de Literatura



Cruz e Souza de Literatura" com o objetivo de distinguir, anualmente, obras inéditas de autores brasileiros, nas categorias de Poesia, Conto e Romance.

O Prêmio Cruz e Souza constará de uma premiação de R\$ 10 mil reais, ao primeiro colocado, em cada categoria. As obras terão que ser inéditas e somente poderão concorrer autores brasileiros, residentes no País.



O I Concurso Literário Emílio Carlos Mariotto, promovido pela Companhia de Teatro Dom Quixote, já está recebendo trabalhos de escritores de todo o País. Cada autor só poderá apresentar um trabalho, com limite de quatro páginas, até o dia 31 de dezembro próximo.

Para a inscrição, os interessados devem enviar os seus trabalhos para Caixa Postal 33 - São Bento do Sapucaí-SP - CEP: 12490-000, acompanhados

de cheque nominal em favor de Miléni Lúcia de Oliveira e de um breve currículo.

Os três melhores trabalhos serão premiados.



O X Festival de Poesia, Crônica e Conto, da cidade de Imperatriz, no Maranhão, já abriu as inscrições. Os trabalhos deverão ser encaminhados para X Festival de Poesia e Conto, Caixa Postal 162, CEP 65903-100, Imperatriz, Maranhão. Cada participante só pode concorrer com até cinco trabalhos. Os vencedores nas três categorias receberão o Troféu Macunaíma, publicação dos trabalhos em livro.



A Fundação Cultural do Estado da Bahia abriu as inscrições para o concurso literário voltado para as obras destinadas ao público infanto-juvenil, nas categorias romance, conto, poesia e estória. Segundo as coordenadoras do concurso, Maria Louzeiro e Osmália Ferreira, que estiveram no XI Fórum Permanente do Escritor, em Brasília, as inscrições vão até o dia 3 de novembro.

Os trabalhos deverão ser enviados para a Diretoria de Literatura e Edição, Palácio do Rio Branco, sala 44, Praça Tomé de Souza, s/nº, CEP 40.020.000 - Salvador-BA - Telefone: (071) 321-0222, R/218, Fax: 321-0222.



Os poetas de Brasília poderão pegar uma carona nos transportes coletivos da cidade. Poesia no Ônibus é um projeto da Fundação Cultural que, em parceria com a Secretaria dos Transportes, selecionará 50 poemas inéditos. Os premiados, além de circularem pela cidade, farão parte de uma antologia poética. Com as inscrições já encerradas, os poetas aguardam, agora, o final do período de avaliação.